

170243

- 1.Reynaldo Moura
- 2.Meio de Semana
- 3.Correio do Povo
- 4.Crônica sobre a morte
- 5.Porto Alegre
- 6.08 de Junho de 1950
- 7.número 208
- 8.Seção - Arte e Literatura
- 9.Bom
- 10.Amélia Ester
- 11.24 de Maio de 1994

REY cli 0404  
SIST. 59188  
OB 0026-50

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Suportamos muito mal essa certeza de não estarmos mais participando do espetáculo. quando talvez muitas coisas pelas

quais hoje esperamos, possivelmente comecem a furar a membrana da realidade e a surgir para tomar parte na representação interminável. O poeta escreve para que os outros exclamem em silêncio nos seus momentos de leitura íntima: eu morrerei e as rosas continuarão vindo à tona da vida, boiando na luz de cada manhã. Todas as mãos que me esqueceram continuarão acariciando as rosas, e nenhum gesto me alcançará na minha irrespirável distância. O único consolo de um morto seria a morte do mundo, de todas as coisas sobre o mundo, os momentos de beleza da vida, as asas do movimento, o rumor das vagas, até mesmo o giro insensível do pensamento que não circulasse em torno de sua figura de morto na paz da imobilidade.

Se os mortos pudessem sentir que vivem apenas na memória dos vivos, e que essa é a única sobrevivência que os envolve, talvez seu desespero tivesse força para partir alguns marmores. Pierre Bost prisioneiro dos alemães, medita: nós estamos aqui em um estado que se assemelha à situação dos mortos. Um morto, é um ausente. É o homem que não se encontra mais entre nós. Eu sou ausente. O universo marcha sem me levar consigo. Eu não faço nada, não sei de nada, não sou nada. O problema da morte pode ser posto nestes termos: se eu desaparecesse?... Ora eu já desapareci, e exatamente como se eu houvesse desaparecido pela morte.

- ~~1. Reynaldo Moura~~
- ~~2. Meio de Semana~~
- ~~3. Correio do Povo~~
- ~~4. Crônica sobre a vida~~